

Um plano desvirtuado

JOSE HELDER DE SOUZA

Brasília — o seu plano urbanístico e sua arquitetura - por ser uma proposta revolucionária, inteiramente nova em todos os aspectos, está sempre em discussão. De vez em quando levanta-se uma onda contra certos aspectos da cidade. Costumamos dizer que as pessoas vindas para cá morar, em sua maioria, gostariam de encontrar na nova cidade sua cidade natal ou partes delas, nunca uma aceitação ou adesão a Brasília tal como ela é. É muito comum se ouvir: "No Rio é assi", dizem referindo a um determinado aspecto da cidade do Rio de Janeiro, ou de São Paulo, Curitiba ou Porto Alegre, Salvador ou Recife, cidades que, acentue-se, têm sua tipicidade completamente diferente da cidade proposta por Lúcio Costa. O pior é que em geral as reclamações e as más comparações são sempre nos aspectos negativos de cá como de lá.

A discussão agora é sobre a proximidade dos bares dos setores comerciais locais. Chega-se ao absurdo de se dizer que o erro maior foi de Lúcio Costa, quando é inteiramente o contrário. A proposta é separar os setores em todo o Plano Piloto.

O Setor Comercial Local, voltado para os blocos residenciais, foi imaginado exatamente para servi-los, assim mesmo devidamente separado dos apartamentos das superquadras com uma área verde cerca de cinqüenta metros, para que seus eventuais ruídos não interfiram tanto na vida dos moradores.

Muito bem, na maioria das cidades clássicas, não só Rio, São Paulo, Salvador e muitas outras cidades até do mundo mesmo, as ruas raramente têm mais de cinqüenta metros de largura e nelas de cambulhada estão residências, comércios, bares, boates, clubes e é comum uma casa em frente ou mesmo vizinha a destes estabelecimentos. Posso lembrar também minha casa paterna, nos idos de 50, na rua Costa Barros, em Fortaleza, a um quarteirão do Clube Iracema (no seu lugar foi construído agora o prédio, da Receita Federal), cuja orquestra nos dias de festas parecia estar dentro de nossa casa, e tocava a noite toda até de madrugada. No Rio lembro da residência de uma irmã, na Rua Dois de Dezembro. No andar térreo do prédio havia um animado boteco, e do terceiro andar, onde morava ela, ouvia-se até tarde da noite, as animadas discussões sobre futebol de seus freqüentadores, quando não estavam falando de coisas mais inconvenientes e até escabrozas. Creio poder dar milhares de exemplos. Fiquemos por cá.

Lúcio Costa, pretendendo tornar esta cidade aberta e ao mesmo tempo bucólica, previu a localização, a uma distância razoável dos blocos residenciais das SQS, não só o barzinho para a cerveja amiga, mas também a padaria, a loja do remendão, a alfaiataria, a farmácia e toda uma espécie de pequenos estabelecimentos comerciais para atender ao dia-a-dia dos moradores. Uma das grandes deformações, por falta de disciplina e fiscalização, foi transformar esses setores em ruas exclusivas disto ou daquilo, como a 104/05 Sul, somente de lojas para as madames, uma outra só de restaurantes etc. Nelas o tráfego se acumulando e por fim, como não se aproveitou direito os Setores de Diversões Sul e Norte, bares como o Moinho e o Elite agigantaram-se, deixaram de ser o modesto boteco para onde se ia em chinelos, aos sábados ou à noitinha, para um trago e um dedo de prosa com

os amigos, como ainda se faz no Bar Nunes, na 105, há mais de vinte anos...